

Sobre as preferências por concordância e contiguidade em sequências na conversa¹

Harvey Sacks*

Resumo

Elege-se como foco o par adjacente pergunta e resposta, examinando-se as relações entre o formato da pergunta e o da resposta. Observa-se que os turnos de pergunta são projetados de modo a preferirem tipos específicos de turnos de resposta. Majoritariamente, as respostas preferidas são curtas e oferecidas sem delonga, enquanto as “despreferidas” são elaboradas com atrasos, prefácios, mitigação, “indiretividade” e comumente com a apresentação de justificativas.

Palavras-chave

Interação social. Organização da preferência. Análise da conversa etnometodológica.

Abstract

The paper focuses on the question-answer adjacency pair and examines the relationship between question and answer formats. It is observed that question turns are so projected as to prefer specific answer turn types. Overwhelmingly, preferred answers are short and issued with no delay, while dispreferred responses are constructed with delays, prefaces, mitigation, indirectiveness and with accounts.

Keywords

Social interaction. Organization of preference. Ethnomethodological conversation analysis.

¹ Palestra pública, proferida na Universidade de Michigan, em 1973, no Instituto Linguístico. Publicada por Emanuel A. Schegloff, com a ajuda de Jennifer Mandelbaum, a partir de uma gravação de uma fita, feita na ocasião.

* Procedente da Universidade da Califórnia, Irvine.

O que vou falar envolve coisas não muito complicadas, mas uma atenção para coisas *muito*, muito simples. Começo explicitando antecedentes, de modo a permitir que vocês conheçam um pouco sobre o nome daquilo que fazemos: a análise sequencial da conversa. Este é o modo pelo qual essa orientação é motivada.

Em um primeiro momento, estamos interessados na organização social da interação e no que se refere à interação natural. As sequências são os tipos mais naturais de objetos para se estudar. Uma maneira de coordenação entre falantes na fala em interação natural é que, num todo, fala um de cada vez. Então, se você vai estudar a coordenação de pessoas que estão falando em interação natural, você estudará sequências de falantes. Podemos usar “sequência” de um modo bastante específico, diferenciando organização serial, ou ocorrência serial, de organização sequencial, interessando-nos, primeiramente, pela sequencial. “Sequencial” quer dizer, grosso modo, que as partes que ocorrem uma após outra, ou que estão em uma relação de antes e depois possuem alguma organização entre si.

O quão precisa é essa organização e como é sua forma é uma questão em aberto. Mas há muitas razões para crer, mesmo presumindo uma ingenuidade total sobre o comportamento social humano, que existirão muitas sequências bem organizadas numa tal organização. A interação social de outros seres sociais é altamente ritualizada, entendendo-se por “ritualizado” não especificamente religioso ou *pro forma*, mas sequencialmente organizado em termos de partes mais ou menos fixas, realizadas por vários participantes em algumas ordens relativamente fixas. Elas podem variar, certamente, na medida em que existem alternativas em qualquer dada posição, e elas podem variar em vários outros sentidos também. Mas não é uma coisa surpreendente supor que, se você for sentar para olhar para interações singulares entre humanos envolvendo a fala, então você encontrará uma grande quantidade de sequências que lhe permitirão captar alguma ordem inicial do que está acontecendo nelas e talvez, também, como essas sequências são agrupadas.

Certamente, não somos tão ingênuos, e qualquer membro de qualquer cultura conhece vários grupos dessas sequências em relação à organização da conversa. As conversas, sempre, preponderantemente, iniciam-se com as trocas de cumprimentos, e essas trocas são, para as duas partes, pequenas coisas de duas unidades. Elas podem ser expandidas de diversos modos, mas elas podem ser executadas, basicamente, em sequências de duas unidades - uma troca de “oi”, por exemplo; um “oi” inicial ocasiona outro “oi” no turno imediatamente seguinte, e elas são realizadas diferentemente de diversos

modos, ou seja, elas podem ser discriminadas em primeiras e segundas partes. E depois de “oi”s vêm outras coisas. Em nosso sistema de conversa, elocuições do tipo “tudo bom?”, por exemplo, são um tipo específico de coisas, e elas, por sua vez, ocorrem em pares: há um “tudo bom?” e depois uma resposta a isso, e, então, um “tudo bom?” em retribuição. Dessa forma, você pode fazer várias coisas dessas e ver que existe uma variedade de ordens óbvias, em termos sequenciais, para a organização da conversa.

Esses tipos de fatos motivam um esforço para ver se não existe algum tipo mais ou menos básico de sequência abstrata, em termos dos quais uma variedade de ordenamentos, apresentados por muitas sequências, pode ser captada. Você poderia, então, ter regras muito gerais para um tipo de sequência, que apreenderá muitos dos ordenamentos para toda uma variedade de sequências específicas. Qualquer olhar para a conversa, ao que me parece, de todo modo, sugeriria que existe um candidato óbvio para tal tipo básico de sequência. Os tipos de materiais que ela ordena, ordena de maneira muito simples, quando estamos tratando de suas características mais gerais, e, quando você tem essas características, consegue agrupar grande quantidade de conversas em um conjunto muito simples de regras. A sequência básica é uma sequência de duas unidades; os dois turnos em que as partes da sequência ocorrem estão localizados adjacente um ao outro; e, para todos eles, você pode discriminar o que chamaremos de ‘primeiras partes do par’ de ‘segundas partes do par’, de modo que as partes são relativamente ordenadas (ver SCHEGLOFF & SACKS, 1973 para uma descrição mais completa de “pares adjacentes”). E uma característica adicional que pode ser extraída entre primeiras e segundas partes do par é que elas são “conectadas por tipo”, observação pela qual eu quero dizer apenas algo tão simples quanto isto (embora seja suficiente para muita coisa): se uma das partes realiza, por exemplo, uma primeira parte do par de algum tipo, tal como um cumprimento, uma pergunta, uma oferta, um pedido, um elogio, uma reclamação, e coisas desse tipo, então a parte que realizará uma segunda parte do par para aquela primeira parte do par seleciona-a a partir dos tipos de alternativas que se encaixam nesse tipo. Então, para cumprimentos, isso implica cumprimentos; para perguntas, vários tipos de respostas; para ofertas, aceitações e recusas; para anúncios, parabéns e condolências; e assim por diante. Claro,² para qualquer primeira parte do par dada, devem existir bem

² Os “é claro” são ditos com uma intenção moderada de “nós deveríamos ser capazes de ver, uma vez que nós sabemos que é assim”, não que pudéssemos ter imaginado isso, ou que de fato imaginamos isso, e depois achamos que isso era assim.

mais segundas partes do par do que possam ser introduzidas; mas é suficiente dizer que, para a maioria dos tipos de pares adjacentes, existem alternativas na posição de segunda parte do par. Para alguns, você muito provavelmente deve ter de realizar *uma* coisa específica, mas para a maioria deles existem alternativas. Ou seja, tendo sido realizada uma oferta, você pode tanto aceitar quanto rejeitar, e ambas são “legais”. Algumas outras também são legais,³ mas, no momento, não estamos preocupados com isso.

Então, você tem algo assim: você tem um turno e, nele, uma primeira parte do par, e um próximo turno e, nele, uma segunda parte do par, e, além disso, você tem que a segunda parte do par é relacionada por tipo à primeira parte do par. Isso, então, capta relações metódicas entre uma enorme quantidade de material, que tem uma fantástica procedência na conversa, no sentido de organizar muitas das atividades potenciais extraordinárias que ocorrem na conversa, etc., e há, também, todos os tipos de lugares, nos quais ele aparece de maneira muito interessante.

Ao mesmo tempo em que, é claro, nós passamos muito tempo trabalhando com tipos específicos de pares, tais como a organização de elogios e respostas a eles (ver POMERANTZ, 1978), com a organização de ofertas e com o que pode ser feito em resposta às ofertas e com coisas similares, nós também estamos buscando outras coisas simples, similares, gerais. Comentarei sobre duas dessas coisas simples hoje.

³ Por exemplo, algumas das alternativas para “respostas” como elemento seguinte às perguntas parecem não ser muito gerais, e outras parecem. Um tipo bastante geral de alternativa são “os reversores” (*counters*). As perguntas-reversoras parecem ser gerais em relação a todo um grupo de tipos de coisas, e deveríamos reparar o quão elas são objetos interessantes tecnicamente. Repare, especialmente, que elas transpõem as posições de pergunta e resposta, de modo que, se se faz uma pergunta muito difícil para alguém, e eles podem usar um reversor (*counter*), e isso pode ser algo igualmente difícil para a pessoa que pergunta, então há um modo através do qual alguma das coisas que as pessoas que perguntam poderiam tentar fazer com as pessoas que respondem pode ser afetada pelas coisas em potencial que as pessoas que respondem podem fazer com elas de volta. Isso é um potencial formal completo e metódico - o que podemos chamar de “um aparato” (cf. p. 10 no final, embaixo). Então, alguém poderia querer “dar um tranco” bem forte em alguém, mas há um aparato, que tende a fornecer às pessoas que respondem o potencial de usar o que quer que seja que a pessoa que fez a pergunta tenha feito a elas para fazer a mesma coisa com quem fez a pergunta. Meus exemplos favoritos têm a ver com uma classe de insultos que nós chamamos de “insultos genéticos”. Um exemplo famoso e clássico está ligado a uma cena de uma aldeia, um menino parado na beira da estrada e uma senhora idosa que vinha com uma manada de burros, quando passa pelo menino, ele diz - “Bom dia, mãe de asnos”, e ela responde - “Bom dia, meu filho”. Agora, o que isso diz é que uma classe inteira de insultos pelos quais você poderia se dirigir a pessoas lhes proporciona os mesmos materiais com os quais você devolve o insulto. Agora, há muitas “estruturas reversoras” como essas, e elas são coisas muito, muito nítidas.

Novamente, as coisas iniciais que estou propondo são totalmente observáveis; basta você olhar para quaisquer materiais conversacionais que quiser escolher para ver que elas são assim. Nada, então, está sendo afirmado do tipo “Uau, isso é algo fantasticamente nítido de se ver.” Mas, comumente, tende-se a evitar fazer observações “óbvias”, porque não é óbvio o que, subsequentemente, deve ser feito com elas. Mas onipresença e possibilidade de observação disponível não precisam implicar banalidade e, por conseguinte, silêncio. Tampouco se deve apenas começar com uma busca por exceções ou variação. Ao contrário, precisamos ver que, com algumas dessas recorrências mundanas, estamos selecionando coisas que são tão preponderantemente verdadeiras que, se quisermos entender essa parte do mundo, elas são algo com o qual teremos de nos haver. E, como acontece, elas são um recurso formidável.

Então, se nós olhamos para um tipo específico de sequência, digamos, por exemplo, sequências de pergunta/resposta que podem, de um modo geral, receber respostas do tipo ‘sim’ ou ‘não’, então existem dois pontos óbvios, que podem ser aprimorados nesse nível geral. Um deles diz respeito ao fato de termos deixado totalmente em aberto, se existem regras de seleção entre respostas do tipo ‘sim’ e ‘não’. Outra coisa que deixamos totalmente em aberto é onde, em seus respectivos turnos, ocorrem a pergunta e a resposta; nós somente temos que a pergunta e a resposta ocorrem em turnos adjacentes. De acordo com o que dissemos até agora, elas poderiam ocorrer em qualquer lugar no turno – no início, no meio, no fim, nenhum lugar específico. A intenção é ver se não podemos colocar, em um ordenamento bruto, em primeiro lugar, ambos os tipos de variáveis (ou seja, a escolha entre tipos de resposta e a localização no turno). Isso pode nos permitir focar em coisas que não se encaixam nesse ordenamento, mas que levarão, talvez, a algo muito impressionante logo de início, e nós, de fato, temos algo muito impressionante logo de início.

Um olhar não muito apurado diria que, se você examina somente turnos de resposta, então, “sim”s são muito mais frequentes do que “não”s. Qualquer próximo olhar mais atento a isso nessas sequências nos mostraria, então, uma ‘preferência’ candidata em relação à seleção, que funcionaria mais ou menos deste modo: se uma pergunta é construída de maneira a exibir uma preferência entre “sim” ou “não”, ou entre respostas do tipo “sim-” ou “não-”, então as pessoas que respondem tenderão a fazer essa escolha, e uma escolha desse tipo será, ou deverá ser, preferida pelas pessoas que respondem. Esse

tipo de fato mantém-se tanto para “sim-” quanto para “não-” como respostas preferidas, conforme pode ser visto nos materiais seguintes⁴.

- (1) A: E isso deixou-a aparentemente com sequelas (eu acho).
B: Aparentemente. Ah ele ainda terá esperança.

Então, aqui temos a preferência por uma resposta “do tipo sim” no número (1), (“eu acho”),⁵ e a resposta projetada em relação a essa preferência – “concordando” com a preferência, conforme afirmaremos (“aparentemente”). No número (2), temos uma versão “negativa”:

- (2) A: Bem, isso é realmente o que você queria?
B: Ah ... não originalmente? Não. Mas é ah ... uma promoção?
E é muito interessante, eu tenho trabalhado com isso em meio expediente há vários anos.

Você sabe perfeitamente bem que milhões de coisas funcionam dessa maneira - um próximo turno (e.g. uma resposta) está em “concordância” com a “preferência” do anterior (e.g. uma pergunta). O que queríamos fazer foi, então, ver se poderíamos investigar aquilo que poderíamos chamar de um princípio geral – uma “preferência pela concordância”, talvez.

Observe, também, que perguntas podem ser partes de turnos com outras coisas dentro deles, como pode ocorrer também com as respostas. Observe, então, que a resposta inicial no número (1) acima – “aparentemente” – vem exatamente no início do turno. Em geral, é o caso em que, quando uma pergunta ocorre em um turno que inclui outras coisas, ou uma quando o mesmo ocorre com uma resposta, então, a pergunta vem no final *desse* turno, e a resposta em seu início. Essa justaposição ou “contiguidade” entre pergunta e resposta ao longo de sucessivos turnos também exige colaboração, da

⁴ Ao pôr algumas dessas coisas na mesa, não pretendo provar algo a você através de um exemplo, exceto em certo sentido. Você deveria tentar ver a maneira pela qual esses exemplos evidenciam o uso de “procedimentos” bem gerais pelos participantes, que você poderia reconstruir muito bem a partir de um único exemplo; esse procedimento pode, então, produzir um bando de outros exemplos.

⁵ Harvey Sacks usava uma caneta-ponteiro, e o editor fez uma suposição informada sobre o objetivo da caneta-ponteiro.

mesma forma que produzir uma resposta que “concorde” com a pergunta.⁶ Ou seja, exige uma atividade independente de uma pessoa que faz pergunta (colocar a pergunta no final) e de uma pessoa que responde (colocar a resposta no início) para se obter a contiguidade entre pergunta e resposta ao longo de seus respectivos turnos, da mesma forma que exige uma atividade independente de alguém que pergunta projetar a pergunta de tal modo que exiba uma preferência por algum tipo de resposta, e de alguém que responde escolher de acordo com essa preferência. Esse é o sentido, no qual este material trata de “co-ordenação”.

Inicialmente, nós não temos muita ideia de por que esses tipos de coisa deveriam ser assim. Ou seja, de por que deveria haver uma forte preferência pela *contiguidade* entre pergunta e resposta e pela *concordância* entre pergunta e resposta. Mas esses são dois princípios gerais, com os quais iremos trabalhar. Sua consequência é que, se estiverem corretos, eles nos fornecerão características adicionais do tipo de sequência que estamos estudando (em complemento aos dois turnos previamente mencionados, situados adjacientemente com primeiras partes e segundas partes do par e tipos de pares conectando-os), de tal modo que teremos tanto (a) o lugar nos turnos que compõem a sequência em que entram respectivamente a pergunta e a resposta, (b) quanto algum peso de um tipo de resposta sobre a outra. Teremos essas características, sem saber quem são as partes, qual é o tópico, onde ocorreu a sequência, etc. Ou seja, não precisaríamos saber nada sobre a sequência para saber essas características. E, se você pensar

⁶ Você pode, claro, ter uma sequência, na qual você tem somente uma única pergunta no primeiro turno e uma única resposta no segundo. Nesses casos também, a construção de uma resposta pode explorar sua contiguidade com a pergunta. Tais respostas podem ser construídas e muito frequentemente o são de modo a serem parasitas da sintaxe da pergunta a que elas respondem, sendo de fato construídas dentro da mesma frase.

a) A: Você estava comendo?

B: Algumas uvas

b) A: Você está de saco cheio?

B: Até o pescoço.

Agora quero que você observe que esse tipo de sequência tem muitas propriedades do tipo frase. E na medida em que a razão inicial pela qual os linguistas não estão interessados em sequências é que eles estão interessados em frases, então observe que existe uma variedade de cláusulas de sequências naturais, que têm, de fato, frases operando ao longo da sequência inteira; ou seja, não é estranho que as respostas tenham muito, muito frequentemente este caráter sintagmático.

ou observar uma conversa, então essas observações parecem bem mais verdadeiras; verdadeiras o suficiente para merecerem mais investigação para saber se essas são realmente preferências embutidas, ou seja, embutidas no sistema. Então, vamos começar a fazer um pouco dessa investigação.

A primeira coisa que observamos, e estou introduzindo isso e não vou fazer muito com isso por enquanto, é que existe uma aparente interação entre a preferência pela contiguidade e a preferência pela concordância, tal que, se uma resposta de concordância ocorre, ela ocorre bem contiguamente, ao passo que, se uma resposta de discordância ocorre, ela muito provavelmente será arrastada para o final do turno que ela ocupa. Considere, por exemplo, o número (3), em que “A” quer que “B” “volte cedo”:

(3) A: Você vai voltar cedo?

B: Bem, eu tenho muitas coisas pra fazer antes de me despachar amanhã. Não sei. Eu v- provavelmente não vou chegar muito cedo.

Você pode ver que essa resposta não é somente construída de forma que a discordância é realizada tão fraca quanto possível, mas ela é adiada durante grande parte do turno.⁷

Isso é um tipo de ilustração, então, da interação entre concordância e contiguidade, e entre discordância e não-contiguidade. Isso é importante, pois uma das coisas que estávamos originalmente propondo era que as respostas vinham contiguamente às perguntas. Francamente, existem muitas e muitas respostas que não vêm contiguamente às perguntas; e, se temos um modo interno de explicar algumas delas, tal como com a discordância, então

⁷ Deixem-me somente mencionar para aqueles que possam estar interessados nisso, ou seja, a preferência pela concordância, traduzida como uma “despreferência” por *discordância*, parece não somente envolver esse tipo de interação, na qual as discordâncias são empurradas para o fim do turno de resposta; mas os “nãos” parecem sempre ter as características que vocês [i.e. linguistas. - o editor.] comentam como estando “apagadas”. Ou seja, o “sim” ocorre se ele estiver em uma resposta de concordância; eles dizem “sim” e podem dizer mais coisas. Se for uma resposta de discordância, eles farão algo caracteristicamente parecido com – “Bom, eu não sei”, e eles provavelmente vão achar um modo de fazer isto que não os faça de fato dizer “não”. Nós não estamos falando sobre Harry ou Joe ou algum tipo específico de pessoas; estamos olhando para possíveis propriedades do sistema. Não é que alguém ou todo o mundo psicologicamente não goste de discordar, mas eles provavelmente não gostam de discordar, porque é esperado que eles não gostem de discordar; é talvez esperado que eles tentem concordar. Confira a resposta à pergunta da plateia no final do texto.

não se trata apenas de que esses casos são “parte do fluxo”, mas também de que o sistema *os* provê, em bases parcialmente independentes.

Uma das consequências de se ter essas coisas sendo “deslocadas” dentro de seus turnos é que você é levado a olhar para a organização serial dos componentes dos turnos, e aí uma variedade de coisas surge sobre os turnos de resposta. Por exemplo, na medida em que discordâncias são adiadas para o final, existe uma variedade de coisas que vêm antes delas, que então podem ser tratadas como “ocorrendo antes de discordâncias” e que podem ter importância na sinalização de um futuro aparecimento de uma discordância. Componentes como “bem” e/ou “eu não sei”, por exemplo, no início de um turno de resposta, caracteristicamente precedem algo menos do que uma concordância.

Olhando para os fenômenos de contiguidade em relação aos exemplos que não os apresentam (ou que inicialmente não parecem apresentá-los), estou empregando uma estratégia que usamos muito e que, por conseguinte, merece um pouco de descrição. A estratégia é esta: se podemos isolar, dentre as exceções, algumas classes – que não significam exemplos individuais, mas algumas *classes* de exemplos (elas *têm* de ter características do tipo classe) – que acabam elas próprias por serem orientadas pela preferência que estamos estudando, então imaginamos (a preferência) que essa preferência tem um tipo de validade de segunda ordem. Ou seja, ela não só funciona em um grande número de casos, nos quais se encaixa diretamente, mas até quando ela não funciona, você pode vê-la operando.

Não estamos nos preocupando, então, em obter todas as exceções; estamos olhando para as classes delas, que parecem operar de acordo com nosso princípio; então, embora haja certamente outros fatores operando, mostra-se que o princípio também opera.

Tendo considerado turnos de resposta, nos quais existe uma resposta com algo a antecedendo, podemos também olhar para os lugares em que existe uma pergunta no início de um turno e algo a sucedendo. Uma classe de tais aparentes exceções ao posicionamento de perguntas, anteriormente proposto, no *final* dos turnos, pode ser isolada, o que se relaciona de modo interessante com a questão da contiguidade. Essa classe envolve turnos que apresentam duas perguntas, uma primeira e uma segunda. Aqui temos um exemplo realmente típico:

- (4) A: Ah tá bom, ah como está sua artrite? Você ainda está tomando injeções?

B: Tô. Bem, tá, tá tudo bem quero dizer ah, dói de vez em quando, mas tudo bem.

O que você está vendo aqui é que existe uma primeira pergunta e uma segunda pergunta, e depois existem duas respostas. Observe que a primeira resposta é uma resposta à segunda pergunta, e que a segunda resposta é uma resposta à primeira pergunta. Parece ser uma regra mais geral que, quando duas perguntas são produzidas, e você terá duas respostas, então a ordem das respostas é inversa à ordem das perguntas. Repare que isso preserva a contiguidade tanto quanto possível; o único modo possível de se conseguir contiguidade, quando duas perguntas estão em um único turno, é ocorrendo primeiramente a resposta da segunda pergunta. Então, existe um tipo de coisa que não é tanto um problema, como “Bem, isso é legalzinho”.

Vamos analisar outro tipo de coisa, em que o que você tem é uma resposta situada tardiamente no turno, com algo a antecedendo.

- (5) A: É perto de Edimburgo?
B: De Edimburgo? Não é muito longe.

“Não é muito longe” é a resposta; antes disso, ocorre outra coisa. Mas observe que essa “outra coisa” é uma pergunta, que é uma repetição parcial da pergunta que foi feita em primeiro lugar. O caráter formal dessa descrição indica que isso é uma *classe* de exceções à observação de que “a resposta vem primeiro no turno”. Além disso, embora você não tenha uma contiguidade entre a pergunta e a resposta ao longo dos turnos, você tem, *sim*, essa contiguidade *dentro* do próprio turno de resposta. Esse tipo de coisa acaba também por operar nos casos de múltiplas perguntas. Aí, ter uma pergunta com algo a sucedendo pode ser visto como uma *classe* de exceções, uma vez que se percebe que, tipicamente, a segunda pergunta em uma série como essa será comumente uma resposta candidata à primeira; de forma que você tem, novamente, um tipo de contiguidade dentro desse turno, como no primeiro turno no número (6):

- (6) A: Isso é onde você mora? Na Flórida?
B: Isso é onde eu nasci.

Então, nesses exemplos, em que não temos uma contiguidade óbvia ao longo dos turnos em virtude do “mal posicionamento” da pergunta ou da

resposta (e em alguns dos quais nós temos), podemos ver que, em alguns deles, os aspectos dessa contiguidade são preservados dentro de cada turno (ou dentro de turnos únicos também). Então, esse é um tipo de modo de proceder para estabelecer a operação de segunda ordem da preferência que estamos observando.

Aqui está outra ordenação derivada do posicionamento relativo de respostas e perguntas em seus turnos (da qual depende a contiguidade). Examine o número (7):

- (7) A: Você pegou isso no grupo da semana passada?
B: Peguei. Você não pegou?
A: Peguei.

Temos aqui um tipo muito comum de ocorrência: no turno “B”; existe primeiro uma resposta e depois uma pergunta. Quero que você observe o tipo de coisa que isso nos indica e o que isso começa a nos mostrar em relação ao que podemos fazer com as sequências. Temos dois objetos de dois turnos e estamos buscando um modo de ligar três turnos, ou de ver como os três turnos são construídos ligados uns aos outros. Ou seja, a resposta em B está, certamente, conectando-se à pergunta em A1, e a pergunta em B está fornecendo a base para uma conexão com a resposta em A2. Esse tipo de conexão é bastante forte em um sentido adicional. Tendo sustentado que as respostas vêm no início dos turnos e que as perguntas vêm no final dos turnos, é claro que temos a possibilidade de que elas ocorram nos mesmos turnos, e nessa ordem, resposta + pergunta, que é a maneira como elas tendem a ocorrer. Mas, no tipo de turno “resposta + pergunta”, parece haver uma restrição quanto ao tipo de pergunta que pode ocorrer aí, que seja uma pergunta “sobre o mesmo tópico” da resposta a que ela se segue. Essa resposta é, claro, sobre o mesmo tópico da pergunta a que ela se segue, o que, então, torna também o que se segue conectado - não somente em termos desses conectores de sequências unidades-por-unidades, mas dentro de partes [tópicas – nota do editor] singulares de atividades.

Entretanto existe um tipo de flexibilidade que pode ser introduzida *entre* a resposta e a pergunta, que permite outros tipos de relações, além de “única tópica”-lidade, quando se mantêm os turnos conectados em relação às regras de pares adjacentes. Assim, até mesmo se houver conectores para trás entre cada parte do turno e seu turno antecessor, existe a possibilidade de que a resposta que se segue ao turno não esteja topicamente relacionada à resposta

que iniciou o turno. Considere o seguinte:

- (8) A: Não? [Por que qua] qual é o problema com vo- você parece
FE:LIZ,] hh
B: [(Não)] Nada

Se você tem apenas “não, por quê?”, então você volta para “por que você fez a pergunta?”. Na medida em que você puder construir uma próxima pergunta depois de “por que”, isso se conecta ao “por que”, como, por exemplo, “Por que, qual é o problema?”, então você está caminhando de tal modo que começa a ter a possibilidade de uma “mudança gradual de tópico”. Ou seja, o que você pode começar a construir é o modo pelo qual os tópicos podem se mover dentro dos turnos, para que possamos perceber o que naturalmente sabemos: os tópicos não mudam somente nas fronteiras de turnos, e, é claro, os falantes podem se orientar para produzirem mudanças dentro dos turnos, que são, então, intrinsecamente suaves, e elas podem ocorrer dentro desse tipo de coisas, tal como ter respostas em suas fronteiras.

Vamos agora voltar para a concordância e olhar para alguns dos modos pelos quais a concordância poderia ser uma preferência formal dentro de pares adjacentes. Você pode ver, se olhar para o número (6) de novo e para os números (9), (10), (11) e (12) abaixo, que eles são formatados com uma orientação para a concordância; qualquer um deles poderia ter sido formulado obviamente como uma discordância, ou ter tido os fatos relatados de modo a fornecer uma resposta de discordância.

- (6) A: Isso é onde você mora? Na Flórida?
B: Isso é onde eu nasci.

Assim, em resposta a “Isso é onde você vive? Na Flórida?”, “B” obviamente não mora na Flórida: ele vive na Califórnia. Ele poderia dizer, “não”. Ele não faz isso. Ele encontra um modo de fornecer uma resposta de “concordância”. Esta é uma maneira através da qual se pode dizer que aí opera uma orientação para a concordância, que dá forma à resposta, parcialmente independente dos fatos.

Há tanto um amplo escopo para tal orientação como uma limitação real nisso. Mesmo se a concordância é algo formal, que se pressupõe ser mostrado o mais cedo possível no turno, e isso opera de modo a formatar o comportamento de uma resposta, devemos perceber também que “existe um

mundo real lá fora“; terá de haver lugar para que seja feita discordância – de alguma maneira percebida. Quer dizer, os fenômenos originais não podem ser eliminados do mundo por uma preferência conversacional, embora a fala sobre eles possa ser formatada e, talvez, de outro modo afetada por eles. Assim, um resultado da formatação das respostas em favor da concordância é que haverá uma posição, na qual se depositarão elementos que poderiam, de outro modo, parecer discordâncias e que podem, então, ser formulados como concordância, como sendo modificações ou exceções. Por exemplo, os números (9) e (10).

- (9) A: Então isso é permanente?
B: Ah é “permanente”; permanente até que eu consiga me movimentar novamente.
- (10) A: E os amigos? Tem amigos?
B: Eu tenho amigos. Os assim chamados amigos. Eu tive amigos. Deixe-me formular isso desse modo.

Uma vez tendo sido proposto isso, novamente prevalece algo muito simples: se você tem uma resposta que está de acordo com a preferência por uma concordância inicial, então você tem uma concordância inicial, e modificações ou exceções virão depois disso, como acontece nos números (9) e (10). O fato de que há um lugar para modificações e exceções traz muitas e muitas consequências. Mas você não tem nenhuma ideia de onde ocorrerão exceções, ou seja, o caráter ou a força da concordância inicial não prediz se haverá exceções no final. Por exemplo:

- (11) A: E eles não tiveram nenhuma notícia, né?
B: Nenhuma notícia, ah-ah. Ne- Nem uma palavra. Nada nada.
A não ser – a mãe do Neville recebeu um telefonema ...
- (12) A: Você está com medo do seu pai?
B: Ah, sim. Definitivamente. Eu- eu tenho. Até certo ponto.

As partes podem estar sendo um pouco irônicas em alguns desses últimos quatro exemplos, mas observe que o modo como elas expressam um caráter irônico é produzindo uma concordância no primeiro momento e depois modificando-a no decorrer do turno.

Nessa última discussão, fomos levados a perceber os formatos dos turnos. Estamos desenvolvendo algumas características da organização serial de turnos de resposta que envolvem “sim” ou respostas de concordância, assim como anteriormente estávamos estabelecendo algumas características da organização serial de turnos de resposta que envolviam as respostas “não” ou de discordância.

Deixe-me mostrar outro aspecto interessante da preferência pela concordância. Se existe uma preferência pela concordância, então você poderia supor que perguntas com “ou” seriam difíceis – que as partes estariam sendo persuadidas a tentar conseguir que os dois trechos da pergunta fossem respondidos com “sim”. Considere o fragmento de número (13).

- (13) A: ((limpa a garganta)) Foi clemência sua, em sua opinião, por causa do fato de que você ãh pensou que isso seria um modo melhor de controlar? ãh os mem//bros ou era pelo fato de que você queria que eles gostassem de você.
- B: Sim. Porque-
- B: Bem, em parte era porque eu queria que eles gostassem de mim, e eles- eu quero dizer que eles eram todos meus amigos. Todo mundo naquele quarto me conhecia// há anos. E-

Em “controlar os membros”, “B” entra com sua resposta, “sim, porque-”. Porém a pessoa que pergunta continua “Ou era pelo fato de que você queria que eles gostassem de você?” São alternativas tipicamente inconsistentes, e, tendo dito “sim, porque” para a primeira pergunta, temos, novamente, “sim” para a segunda, “bem, em parte era porque eu queria que eles gostassem de mim”.

Certo, até agora temos lidado com os modos através dos quais as pessoas que respondem formatam suas respostas de modo a concordarem, e isso pode parecer como se o que elas estivessem fazendo fosse concordar com o que a pessoa que pergunta prefere que aconteça. Isso simplesmente não é verdade. Se *existe* isso sobre o que estamos falando, isto é, uma preferência abstrata ou formal pela concordância, então temos de ver que a pessoa que pergunta não só está projetando a pergunta para obter uma preferência pessoal, mas também está projetando a pergunta com uma orientação para obter uma concordância. Que isso é assim pode ser visto nos tipos de materiais como os que seguem:

(14) A: Eles têm um cozinheiro bom lá?

((pausa))

Nada demais?

B: Não, todo mundo coloca a mão na massa.

(15) A: Você consegue andar?

(0.4)

A: Seria muito difícil pra você?

B: Ah::: queria eu não sei. ãh está sangrando um pouco, e eles retiraram a atadura

Ontem ...

Um tipo de coisa que você obtém é isso: a pessoa faz a pergunta mostrando *uma* preferência, e ocorre uma pausa,⁸ nenhuma resposta, e elas, então, revisam aquela pergunta para mostrar a preferência inversa, e então (sem delonga) elas conseguem uma resposta em concordância com isso. Assim, no número (14), “A” primeiro exhibe uma preferência para um “sim”; quando um silêncio ocorre, “A” muda para uma forma que convida a uma concordância com a negativa. Assim, também no número (15), a primeira pergunta é construída para “andar”; e a segunda, para “não andar”. Assim, há um certo modo em que a pessoa que pergunta pode ser considerada como estando orientada para obter a concordância, isto é, elas tentam finalizar com uma forma com a qual se pode concordar.

Aqui temos outro tipo de coisa, que nos mostrará a orientação para a concordância pelos falantes que realizam a “primeira parte do par”.

(16) A: ãh eu estou surpreso que ele não telefonou pra você.

B: Bem tudo bem.

A: ((riso)) Ele- ele evidentemente não ligou

B: Não.

(17) A: Esses são os mesmos – não isso não é o padrão que eu te dei

B: Não, eu sei- eu quebrei o padrão.

⁸ Observe que a pausa envolve uma forma de não-contiguidade - o editor.

No número (16), “A” primeiro começa uma pergunta com uma preferência; em seguida, isso é suspenso, interrompido, e uma resposta exibindo outra preferência é realizada pela pessoa que pergunta, e o recipiente concorda com isso. No número (17), o falante “A” começa, aparentemente, para dizer, “esses são [o mesmo padrão...],” que em seguida é transformado, talvez preservando a preferência por um “sim”, talvez começando a modificá-la; finalmente, o que teria sido uma resposta de “discordância” é realizado por essa parte, e o recipiente concorda com isso. Isso é o mesmo que estava acontecendo no número (16). Se as pessoas que perguntam não quisessem obter a resposta “certa”, ou seja, quisessem obter a pergunta, com a qual se pode ou se poderá “concordar”, elas não teriam de realizar esse trabalho de modo algum; elas poderiam perfeitamente bem fazer uma pergunta, deixando-a ser respondida com “sim” ou “não”, como acontece.

[Observamos antes que as pessoas que respondem constroem seus turnos de tal modo que as respostas de “concordância” aparecem cedo em seus turnos e são assim contíguas às suas perguntas, enquanto as respostas de “discordância” são adiadas e *não* são contíguas às suas perguntas. Observe agora que as pessoas que fazem perguntas não são passivas em relação a isso. Dada a evidência de que uma discordância está “a serviço” de alguma versão inicial de uma pergunta, elas a reformulam na direção de uma possível concordância, tendo como consequência que a) uma resposta de discordância é evitada e b) a concordância que se segue forma com a pergunta um par contíguo. Dessa forma, *tanto* as pessoas que perguntam *quanto* as que respondem se orientam para a relação entre contiguidade e concordância. Essa orientação pode operar para evitar uma discordância, e isso é um aspecto de um aparato anônimo e formal para concordância/discordância, e não uma questão de preferências individuais.]⁹

Uma próxima pergunta poderia ser: existem alguns tipos de coisas formais que operam, quando uma discordância de fato *ocorre*, de modo que a preferência pela concordância seja retida ao longo da ocorrência da discordância, operando, então, para tentar levá-la ao fechamento o mais rápido possível? O que eu quero sugerir é que *existe* tal aparato; novamente, não é que “as pessoas tentam fazer isso”, é que existe um *aparato* que é capaz de fazer isso.

⁹ Este parágrafo foi manipulado pelo editor para efeitos de clareza.

Considere o número (18) e focalize nas linhas 11-13, para começar:

- (18) 7 A: Antes de mais nada, você tem que se controlar. Conhecer-se
a si mesmo.
- 8 (2.5)
- 9 A: E ser capaz de vi:ver.
- 10 A: Uma vê que- você está controlando o seu ser interior
- 11 A: Você sabe do que-
- 12 A: Sim, veja o que eu estou// falando-
- 13 B: Sim-ãh – eu acho que eu vejo, ãh exceto ãh ...
- 14 A: ãh- é controver//so (particularmente-)
- 15 B: Eu- eu não gosto-
- 16 B: Eu não gosto da ideia de se controlar-
- 17 B: Eu não acho que você quer dizer- a propósito-
- 18 B: Você está usando a palavra con//trolar
- 19 A: Não. Eu não quero dizer-
- 20 B: -se controlar mas eu não penso// você-.
- 21 A: Não.
- 22 B: -realmente quero dizer// que
- 23 A: Eu não quero dizer se controlar. Se:r capaz de se adaptar.
- 24 A: ãh-ãh::: uma pessoa mais flexível. ãh-ãh:::
- 25 A O que é que- disciplina, se ajustar – disciplina pode ser uma
palavra
- 26 Melhor. Não sei.
- 27 B: ãh-ãh bem, eu- eu gosto de usar a palavra sintonizada.
Alguém
- 28 que está sintonizado com as condições e: ãh quem é
receptivo
- 29 ãh::: que sabe o que está acontecendo e sabe o que- o que-
- 30 o que tem que ser feito.

Na linha 13, um turno inicial de resposta de “B” é formatado de forma típica como um turno de resposta, no qual ocorrerá uma discordância. Há uma progressão, na qual há o “Sim”, um típico objeto de concordância; depois o início de uma dúvida sendo expressa – “Sim” mais “eu penso que eu”; e então uma “exceto”, sendo essa a posição a partir da qual a discordância pode ser iniciada. “B” vai discordar, “A” vê que ele vai discordar e anuncia que “é controverso”. Nas linhas 15-16, “B” começa a transformar isso, ele

não “gosta da ideia de se controlar”; “Eu não acho que você quer dizer, a propósito- você está usando a palavra se controlar”. Neste ponto (linhas 19-20), “A” agora parece estar no começo de um acordo, ou seja, no começo de um retrocesso, “Não, eu não quero dizer”, e “B” em troca reinicia o “eu realmente não acho que você quer dizer isso”. “A”, então, passa por uma série de alternativas – “capaz de se adaptar”, “uma pessoa mais flexível”, “o que é-disciplina, se ajustar, se disciplinar talvez seja uma palavra melhor, eu não sei” - uma lista de candidatos, você escolhe um. Há, então, um movimento para se chegar a um acordo por “A”. “B” oferece sua própria resposta candidata, “Ah, ah bem, eu- eu gosto de usar a palavra sintonizada”. Então, agora eles se entenderam.

Observe que o “acordo” é alcançado ao longo de uma série de turnos ostensivamente voltados para uma “melhor compreensão”. Há uma maquinaria à parte, projetada para lidar com mal-entendidos, e isso chama a atenção para coisas que, por outro lado, não são muito focalizadas na conversa, aparentemente partes secundárias da conversa, que tentam “consertar as coisas”. Agora sabemos que a “maquinaria dos mal-entendidos” é ela própria “formal”, no sentido de que opera sem levar em conta as discordâncias; ela opera em muitos lugares onde há um ou outro tipo de falha local de entendimento. Porém ocorre, em grande parte, ao redor de discordâncias, sem levar em conta quais poderiam ser as fontes de discordância. A “persistência” da preferência pela concordância pode ser vista em parte pelo uso da “maquinaria do mal-entendido” para tentar resolver discordâncias, quando elas ocorrem.¹⁰ Olhando para o número (19), eu gostaria de que

¹⁰ Aqui temos outro procedimento, que pode ser usado por falantes da primeira parte do par, quando ocorre uma discordância, que também possui uma tremenda generalidade em seu uso [ilustrado aqui por um tipo de sequência de não-pergunta/resposta – Ed]:

C) A: Você tem uma resposta para tudo então cala a boca.

B: Eu não quero

A: Eu não te pedi pra calar a boca, eu estava só brincando.

B: Ah, TÁ BOM

“Você tem uma resposta para tudo então cala a boca”. Troco disso: “Eu não quero”. Troco disso: “Eu não te pedi pra calar a boca. eu estava só brincando.” O “eu estava só brincando” parece ser uma maneira, com que, dada uma resposta de discordância, pode se retirar a pergunta, de modo a, através disso, remover a discordância; e, claramente, isso pode servir como um “pós-operador” para diversos de lugares, nos quais tais discordâncias já tenham sido manifestadas, implicando, então, que pessoas que perguntam têm uma posição, na qual, depois da sequência ter sido feita, podem fazer tal modificação.

você pudesse ver que o mesmo mecanismo está funcionando aqui e que isso não tem a ver com conhecer especialmente este ou aquele sujeito:

- (19) A: Mas eu tenho uma pergunta agora sobre procedimentos. Você tem seu próprio time- seu próprio grupo. Você vai trabalhar no currículo com seu grupo desconectado do que o grupo como um todo faz aqui? E isto não vai ser um pouco confuso ãh tentar juntar tudo para todo o grupo aqui- Eles se encaixam ou isso quer dizer que você vai estar de fora no lado esquerdo do campo e então você vai ter que voltar para o grupo como um todo?
- B: Eu não penso que isto significa que eu vá estar fora no lado esquerdo do campo.
((Risadas)) Eu espero que eu não esteja tão distante de vocês.
- A: Bem, não- eu não quero dizer tão distante, mas eu quero dizer que se você estiver trabalhando um outro dia da semana no mesmo tipo de coisa mas com um grupo
- B: diferente de pessoas ãh ou olhando para isso-
((interrompendo)) Nós realmente trabalhamos com o mesmo grupo das pessoas.
- A: Mas não todos do mesmo grupo.
- B: Mas não chame o mesmo- ãrrãm ((enquanto B está falando))

Novamente, lida-se com uma discordância “chegando-se a um entendimento”. Agora, se “entendimento” é aquele tipo de objeto, então as pessoas que estão em busca de entendimento podem ser pegas de surpresa, porque isso pode não ter nada a ver com o que temos até agora pressuposto.

Pergunta: Por que você foca no aparato, ao invés de focar naquilo que as pessoas estão tentando fazer em uma conversa?

Resposta: Bem, você não pode descobrir o que elas estão tentando fazer, até que você descubra os tipos de coisas com as quais elas trabalham. Se o sistema tivesse uma tendência interna para a concordância, e você não soubesse disso, então você estaria contando um monte de coisas como concordâncias, que poderiam muito bem ser explicadas de outras maneiras. Eu não sei dizer quantas coisas desse tipo acabaríamos tendo, mas o que eu quero fazer é estabelecer que talvez tenhamos algumas (muitas?) delas. Então, a pergunta é: não é óbvio que, em certo tipo de exemplo, a pessoa

“concordou” e, portanto, deveria se dizer que elas concordaram de algum modo que você diria “elas queriam concordar”. Agora, o que elas queriam fazer é outra pergunta, e eu penso que é só quando começarmos a ter alguma ideia considerável sobre os vários tipos de coisas com as quais elas estão operando (como uma preferência para a concordância), e os tipos de modos com os quais elas operam com essas coisas, que teremos alguma ideia sobre tais questões como “o que elas estão tentando fazer”.

Referências

POMERANTZ, Anita

(1978) “Compliment responses. Notes on the co-operation of multiple constraints”. In: SCHENKEIN, Jim (Ed.). *Studies in the organization of conversational interaction*. New York: Academic Press, p. 79-112.

SCHEGLOFF, Emanuela & SACKS, Harvey.

(1973) “Opening up closings”. *Semiotica*, v. VIII, nº. 4, p. 289-327.

Recebido em

maio de 2011

Aprovado em

junho de 2011